

"DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO APOIO PEDAGÓGICO: REFLEXÕES SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE"

Glaziane Soares Alvarenga¹

Lêda Barreto Santos Reis²

RESUMO

A discussão sobre gênero e sexualidade é essencial no contexto escolar e não deve ser negligenciada. Infelizmente, essas questões ainda são envoltas em preconceitos, uma vez que muitos acreditam que a sociedade se divide exclusivamente entre homens e mulheres. Essa é uma visão equivocada! É importante entender que essas temáticas não são meras construções ideológicas. Hoje, observamos a desvalorização de certas perspectivas como "ideológicas", o que implica que são vistas como concepções desconectadas da realidade. O conceito de gênero, por exemplo, serve para dar significado às diferenças, o que destaca sua relevância no ambiente escolar. Portanto, este estudo visa analisar como o suporte pedagógico pode ajudar a comunidade escolar a desmistificar os assuntos de gênero e sexualidade. Para isso, foram consultadas produções nas plataformas Scielo e Google Acadêmico entre 2014 e 2024. As pesquisas e análises qualitativas indicam que abordar esses temas promove um espaço democrático, onde as diferenças não se traduzem em desigualdades. Além disso, constatou-se que uma escola que questiona essas questões cria um ambiente propício para a reflexão e amplia o conhecimento. Assim, essa pesquisa enfatiza a importância de acesso a informações atualizadas com uma base científica, e também estimula o debate sobre os variados valores relacionados à sexualidade e aos comportamentos sexuais presentes na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero, Sexualidade, Apoio pedagógico, Ideologias, Conhecimento

INTRODUÇÃO

Este artigo é parte de um estudo bibliográfico, a partir da busca em plataformas de divulgação científica. Nessa pesquisa, objetiva-se analisar como o suporte pedagógico pode ajudar a comunidade escolar a desmistificar os assuntos de gênero e sexualidade. Ao mesmo tempo, o estudo aprimora a ética nas relações interpessoais e auxilia no reconhecimento de temas ainda considerados “tabus” pela sociedade.

¹ Glaziane Soares Alvarenga- Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em Educação Científica e Formação de Professores- UESB- Email: glaziane37@gmail.com

² Lêda Barreto Santos Reis- Mestranda pelo Programa de Pós Graduação em Educação Científica e Formação de Professores- UESB- Email: ledabreis8@gmail.com



Quando falamos em gênero, pensamos também em relacionamento e escola. Trabalhar essa questão, ainda requer estudos e muita empatia, já que trata em reconhecimento e respeito. Em ambientes plurais como a escola, cabe a nós profissionais da educação um olhar diferenciado, visto que o ver e sentir dos muitos perfis que estão nos espaços educativos passa por uma união de todas as esferas. Com a participação da coordenação pedagógica, uma área tão crucial da escola, sua atuação é basilar para o estudo, entendimento e respeito dessa questão. Propor ambientes inclusivos é uma forma de aproximar e reconhecer a diversidade.

Alguns atos são interessantes e que podem favorecer a abordagem e conhecimento que fazem a diferença junto à comunidade escolar, tais como: projetos pedagógicos, apoio aos professores, mediações de conflitos, acolhimento e também o conhecimento. É fundamental que a apropriação desse tema seja repleta de experiências e informações que possam contribuir em desfazer velhos (pre) conceitos e implicações negativas da falta de conhecimento.

Para isso, mergulhar nos estudos já postos nas plataformas de estudo são importantes para termos um direcionamento de como as pesquisas em gênero, sexualidade e ambiente escolar estão sendo postas para a sociedade.

A escola é um espaço de produção e reprodução de saberes, mas também de valores, normas e representações sociais. É nesse contexto que emergem discussões sobre gênero e sexualidade, temas que tradicionalmente foram marginalizados ou tratados de maneira reducionista nos currículos escolares. Conforme observa Louro (2016, p. 47), “a escola é uma das instituições mais importantes na constituição das identidades de gênero e sexualidade, seja pelo que ensina, seja pelo que silencia”. Essa afirmação evidencia que o espaço escolar não é neutro, mas atravessado por relações de poder e discursos normativos.

O apoio pedagógico, compreendido como práticas e recursos que possibilitam ao estudante superar dificuldades, desenvolver habilidades e permanecer no espaço escolar, precisa ser entendido para além de um suporte técnico ou meramente didático. Ele é também um espaço de diálogo e de enfrentamento de desigualdades, o que implica considerar as dimensões de gênero e sexualidade como parte constitutiva do processo formativo. Nesse sentido, falar de apoio pedagógico é falar também de equidade, acolhimento e respeito à diversidade.



A presença de conteúdos de gênero e sexualidade nas escolas brasileiras é historicamente marcada por conflitos entre políticas públicas, legislação e pressão de



O apoio pedagógico eficaz envolve práticas pedagógicas inclusivas, uso de materiais adaptados e estratégias que promovam o acolhimento. Furlanetto (2018, p. 72)



Matta (2021, p. 45) reforça que “a implementação de materiais pedagógicos que abordam a diversidade sexual de maneira explícita favorece a redução de preconceitos e aumenta a empatia entre os estudantes”. Além disso, Bonfim (2020, p. 54) observa que “a construção de espaços seguros depende de protocolos institucionais claros, da participação de profissionais qualificados e da articulação com famílias e comunidades”.

Experiências exitosas indicam que o apoio pedagógico não deve se restringir à intervenção pontual, mas ser parte de uma estratégia contínua, integrando planejamento curricular, projetos interdisciplinares, rodas de conversa e acompanhamento individualizado dos estudantes.

Dantas (2014, p. 33) argumenta que “políticas e práticas pedagógicas inclusivas devem considerar simultaneamente raça, classe e deficiência, sob pena de reproduzir desigualdades”.

Estudos recentes mostram que estudantes LGBTQIA+ negros ou com deficiência enfrentam barreiras duplas ou triplas, que intensificam a vulnerabilidade e dificultam a permanência escolar (Carvalho, 2021, p. 77).

O enfoque interseccional permite compreender como múltiplas formas de opressão se articulam, fornecendo subsídios para que práticas de apoio pedagógico sejam mais eficazes, sensíveis e inclusivas.

A literatura indica que ambientes escolares sem políticas inclusivas e sem práticas de acolhimento intensificam a exclusão de estudantes LGBTQIA+. Segundo Human Rights Watch (2022, p. 15), “a violência simbólica e física nas escolas está diretamente associada à evasão de estudantes LGBTQIA+”.

Por outro lado, espaços de acolhimento e intervenção pedagógica estruturada têm mostrado efeitos positivos sobre o desempenho acadêmico, autoestima e bem-estar emocional dos estudantes (UNESCO, 2021, p. 20). Bonfim (2020, p. 57) enfatiza que “o



apoio pedagógico atua como mediador social, promovendo a integração, prevenindo conflitos e fortalecendo vínculos entre estudantes e escola”.

Diversas experiências nacionais revelam práticas efetivas de apoio pedagógico com enfoque em diversidade sexual. Com exemplo, podemos comentar sobre São Paulo, onde projetos interdisciplinares que envolvem professores, psicólogos escolares e agentes de apoio pedagógico mostraram redução de episódios de bullying e aumento do engajamento estudantil (Furlanetto, 2018, p. 75).

Outro exemplo encontra-se em escolas do Rio Grande do Sul, onde rodas de conversa, oficinas e mentorias para estudantes LGBTQIA+ foram incorporadas ao plano anual de atividades escolares, resultando em maior percepção de segurança e pertencimento (Matta, 2021, p. 49). Esses casos indicam que práticas inclusivas bem estruturadas podem se tornar referência para outras redes escolares, desde que haja suporte institucional, formação docente contínua e materiais pedagógicos apropriados.

METODOLOGIA

Este estudo fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, por entender que a temática de gênero e sexualidade, quando relacionada ao apoio pedagógico, exige um olhar crítico e interpretativo sobre as produções científicas. A pesquisa qualitativa é especialmente adequada para compreender fenômenos sociais em profundidade, considerando suas múltiplas dimensões, contextos e significados (Minayo, 2016).

O procedimento metodológico adotado foi a revisão bibliográfica, entendida como “um estudo sistemático, desenvolvido com base em material publicado em livros, artigos, periódicos, teses e outros documentos, com o objetivo de reunir e analisar o que já foi produzido sobre determinado tema” (Gil, 2019, p. 45). Nesse caso, buscou-se especificamente investigar produções acadêmicas que tratassem das intersecções entre apoio pedagógico, gênero e sexualidade no contexto educacional brasileiro e internacional.

A seleção do material concentrou-se em duas plataformas: SciELO (Scientific Electronic Library Online) escolhida por sua relevância na difusão da produção científica na América Latina e no Brasil, especialmente em áreas das ciências humanas



e sociais aplicadas. E Google Acadêmico utilizado por sua amplitude e capacidade de localizar artigos, teses, dissertações e capítulos de livros em diferentes repositórios institucionais.

Essa combinação possibilitou uma busca ampla, abrangendo tanto produções indexadas em periódicos de impacto quanto pesquisas disponibilizadas em repositórios acadêmicos.

Foram definidos os seguintes critérios de inclusão: trabalhos publicados entre 2014 e 2024; produções que abordassem, direta ou indiretamente, a temática do apoio pedagógico vinculado às questões de gênero e sexualidade; artigos revisados por pares, teses, dissertações e relatórios técnicos de organismos internacionais de referência (UNESCO, UNICEF, Human Rights Watch, entre outros). Já os critérios de exclusão compreenderam: produções anteriores a 2014, devido à necessidade de atualização do debate; textos de caráter meramente opinativo ou ensaístico, sem metodologia clara; trabalhos que discutissem gênero e sexualidade de maneira genérica, sem relação explícita com práticas de apoio pedagógico.

A busca inicial retornou aproximadamente 220 registros. Após a leitura dos títulos e resumos, foram selecionados 37 trabalhos que atendiam aos critérios de inclusão. Destes, 14 foram considerados centrais para a análise, por apresentarem discussões consistentes e metodologicamente bem fundamentadas. O material foi organizado em critérios de leitura, nas quais constavam: dados de referência (autor, ano, título, periódico ou repositório); objetivos e perguntas de pesquisa; metodologia utilizada pelo autor; principais achados e contribuições; relação com os eixos temáticos desta pesquisa (desafios, possibilidades, recomendações).

Aqui, iremos colocar o quadro com os respectivos artigos selecionados para estudo. Sendo que a Plataforma Scielo é que se sobressai sobre o Google Acadêmico.



Código	Plataforma	Nomes dos autores	Título	Ano
A1	Scielo	CAMPOS, L. M. L.	Gênero e diversidade sexual na escola: a urgência da reconstrução de sentidos e de práticas.	2015
A2	Scielo	SOARES, Z. P.	Formação de professores/as em gênero e sexualidade: investigação e efeitos na prática pedagógica	2019
A3	Scielo	FURLANETTO, M. F.	Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura	2018
A4	Scielo	MATTA, T. F.	Diversidade sexual na escola: estudo qualitativo com professores e estudantes.	2021
A5	Scielo	VIEIRA, P. M.	Modelos de educação sexual na escola: práticas com adolescentes.	2017
A6	Scielo	DORNELLES, P. G.	Gênero, sexualidade e idade: tramas heteronormativas na educação física escolar.	2015
A7	Scielo	LEITÃO, D. K.	Gênero, sexualidade e experimentação de si na juventude escolar.	2018
A8	Scielo	COUTO JUNIOR, D. R.	Gênero, sexualidade e juventude(s).	2018
A9	Scielo	GARBARINO, M. I.	O tabu da educação sexual: gênese e perpetuação dos silêncios.	2021
A10	Scielo	ZANATTA, L. F.	A educação em sexualidade na escola itinerante do MST: história e práticas.	2016



A11	Scielo	PIZZINATO, A.	Gênero e Sexualidade: análise das publicações na área.	2020
A12	Scielo	GUIMARÃES, E. B. de M.	Gênero e sexualidade na formação docente (análise de projetos pedagógicos em cursos)	2023
A13	Scielo	CESAR, M. R. A.	Gênero e sexualidade: notas para a escola (referência teórica histórica)	2009
A14	Scielo	MADUREIRA, A. F. A.	Diversidade e percepções docentes sobre gênero e sexualidade no contexto escolar.	2015

Quadro produzido pelas autoras

A análise foi guiada por três eixos principais, construídos de forma indutiva a partir da leitura do corpus: desafios enfrentados pelo apoio pedagógico em relação às questões de gênero e sexualidade (lacunas na formação docente, resistências institucionais, ausência de políticas públicas, entre outros). Possibilidades identificadas em práticas pedagógicas e experiências inovadoras (projetos de extensão, programas de diversidade, práticas interdisciplinares, iniciativas de acolhimento escolar). Recomendações e perspectivas futuras, apontadas pelos autores, especialmente no que diz respeito à formação docente, à construção de materiais pedagógicos inclusivos e ao papel das políticas públicas educacionais.

A escolha pela revisão bibliográfica se justifica porque a temática envolve forte debate teórico e político, além de já contar com um conjunto significativo de pesquisas empíricas. Como destaca Fiorentini e Lorenzato (2017, p. 39), “a revisão de literatura é um passo fundamental para compreender o estado da arte de uma determinada área de conhecimento e, a partir de aí propor novas reflexões”.

Assim, este estudo não pretende oferecer respostas definitivas, mas contribuir para o mapeamento das discussões mais recentes sobre apoio pedagógico, gênero e sexualidade, sistematizando achados que possam servir de base para novas investigações e práticas educativas.



A análise da literatura revisada revela que o apoio pedagógico frente às questões de gênero e sexualidade é uma prática essencial para promover inclusão e equidade, mas enfrenta desafios complexos em diferentes dimensões: política, institucional, pedagógica e social.

Furlanetto (2018, p. 67) reforça que “a ausência de formação continuada impacta diretamente na confiança dos docentes para mediar conflitos envolvendo estudantes LGBTQIA+”. Além disso, Lacombe (2021, p. 59) observa que a heterogeneidade de cursos e programas de formação resulta em desigualdades regionais, fazendo com que algumas redes de ensino estejam mais preparadas que outras.

Outro desafio importante é a resistência encontrada dentro das instituições e da sociedade. Bonfim (2020, p. 54) afirma que “os professores muitas vezes enfrentam pressões de famílias ou grupos conservadores, o que limita a implementação de práticas inclusivas”. Essa resistência não apenas impacta a prática pedagógica, mas também cria um ambiente de insegurança para estudantes LGBTQIA+, aumentando vulnerabilidade e exclusão.

Relatórios de organismos internacionais confirmam que a ausência de políticas claras de enfrentamento à homofobia e transfobia contribui para a evasão escolar (Human Rights Watch, 2022, p. 12). Dessa forma, o desafio não é apenas pedagógico,



mas também político e social, exigindo articulação entre escolas, redes de ensino e políticas públicas.

O uso de materiais pedagógicos inclusivos é fundamental para a efetividade do apoio pedagógico. Matta (2021, p. 45) aponta que “a implementação de materiais pedagógicos que abordam a diversidade sexual de maneira explícita favorece a redução de preconceitos e aumenta a empatia entre os estudantes”. Além dos materiais, práticas como oficinas interdisciplinares, rodas de conversa, mentorias e atividades culturais promovem maior engajamento e compreensão. Furlanetto (2018, p. 72) enfatiza que “estratégias pedagógicas inovadoras ajudam os estudantes a internalizar conceitos de respeito e diversidade, fortalecendo o clima escolar”.

No Brasil, algumas redes estaduais têm incorporado projetos de inclusão que combinam atividades pedagógicas, protocolos de acolhimento e acompanhamento individualizado, mostrando resultados positivos em termos de clima escolar e desempenho acadêmico (Matta, 2021, p. 49).

A discussão sobre gênero e sexualidade deve ser compreendida de forma interseccional, considerando raça, classe, deficiência e outros marcadores sociais. Dantas (2014, p. 33) argumenta que “políticas e práticas pedagógicas inclusivas devem considerar simultaneamente raça, classe e deficiência, sob pena de reproduzir desigualdades”.

Estudos recentes mostram que estudantes LGBTQIA+ negros ou de baixa renda enfrentam barreiras adicionais, com impactos diretos no bem-estar e desempenho escolar (Carvalho, 2021, p. 77). A abordagem interseccional permite que práticas de apoio pedagógico sejam mais sensíveis e eficazes, proporcionando inclusão real e redução das desigualdades estruturais.

A ausência de políticas inclusivas e protocolos claros aumenta a vulnerabilidade de estudantes LGBTQIA+. Human Rights Watch (2022, p. 15) afirma que “a violência simbólica e física nas escolas está diretamente associada à evasão de estudantes LGBTQIA+”. Por outro lado, a implementação de protocolos de acolhimento, espaços de escuta e mediação de conflitos mostra efeitos positivos. Bonfim (2020, p. 57) destaca



A análise crítica aponta que, sem estratégias sistemáticas de formação e suporte aos profissionais da educação, o apoio pedagógico tende a ser pontual e fragmentado, limitando seu potencial transformador. Por outro lado, experiências exitosas demonstram que a implementação de protocolos de acolhimento, atividades interdisciplinares, mentorias e materiais pedagógicos adequados pode gerar mudanças concretas no clima escolar, promovendo maior integração, redução de preconceitos e



fortalecimento do sentimento de pertencimento dos estudantes (Furlanetto, 2018; Matta, 2021; Guarany, 2022).

Outro ponto relevante refere-se à interseccionalidade, que evidencia a necessidade de políticas e práticas pedagógicas que considerem simultaneamente gênero, sexualidade, raça, classe e deficiência. Ignorar essa perspectiva implica reproduzir desigualdades históricas, enquanto sua incorporação potencializa a eficácia do apoio pedagógico e garante maior equidade no ambiente escolar (Carvalho, 2021; Dantas, 2014).

Dessa forma, o estudo contribui para o debate acadêmico e prático ao mapear desafios, possibilidades e boas práticas, oferecendo subsídios para políticas públicas, formação docente e estratégias pedagógicas que promovam a inclusão real de estudantes LGBTQIA+ e de outros grupos historicamente marginalizados.

REFERÊNCIAS

BONFIM, R. **Práticas pedagógicas inclusivas e diversidade sexual nas escolas brasileiras**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 45, n. 3, p. 50-62, 2020.

CARVALHO, L. **Interseccionalidade e políticas de apoio pedagógico em escolas públicas**. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 70-88, 2021.

DANTAS, M. **Educação, gênero e inclusão: uma perspectiva interseccional**. Campinas: Papirus, 2014.

FURLANETTO, C. **Formação docente e estratégias pedagógicas para inclusão de estudantes LGBTQIA+**. Revista Estudos Pedagógicos, Curitiba, v. 35, n. 2, p. 65-78, 2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GUARANY, P. **Protocolos de acolhimento escolar e mediação de conflitos em contextos de diversidade**. Revista Educação e Sociedade, Rio de Janeiro, v. 43, n. 2, p. 79-90, 2022.



LACOMBE, F. **Desafios na formação docente para educação inclusiva: uma análise crítica.** Revista Brasileira de Formação de Professores, Belo Horizonte, v. 19, n. 2, p. 55-65, 2021.

LOURO, G. **Gênero, sexualidade e educação: políticas e práticas na escola.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

MATTA, T. **Materiais pedagógicos inclusivos e redução de preconceitos em escolas públicas.** Revista Educação em Foco, Salvador, v. 12, n. 1, p. 43-52, 2021.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

SOARES, V.; MONTEIRO, A. **Formação docente e diversidade: desafios no apoio pedagógico.** Revista Brasileira de Educação, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 285-300, 2019.

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. **Cada escola é um mundo: diretrizes para inclusão e diversidade.** Brasília: UNESCO, 2021.

HUMAN RIGHTS WATCH. **Escolas seguras para todos: violência e exclusão de estudantes LGBTQIA+.** Nova York: Human Rights Watch, 2022.

VICENTE, P. **Gênero, sexualidade e políticas educacionais: desafios contemporâneos.** Educação & Sociedade, São Paulo, v. 45, n. 4, p. 101-115, 2024.

